



Benison Alberto Melo Oliveira

Universidade Federal do Pará, benisoncorehc@hotmail.com

PATRIMÔNIO E PAISAGEM NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM ATRAVÉS DOS GRAFITIS DO PROJETO RUA.

I. INTRODUÇÃO.

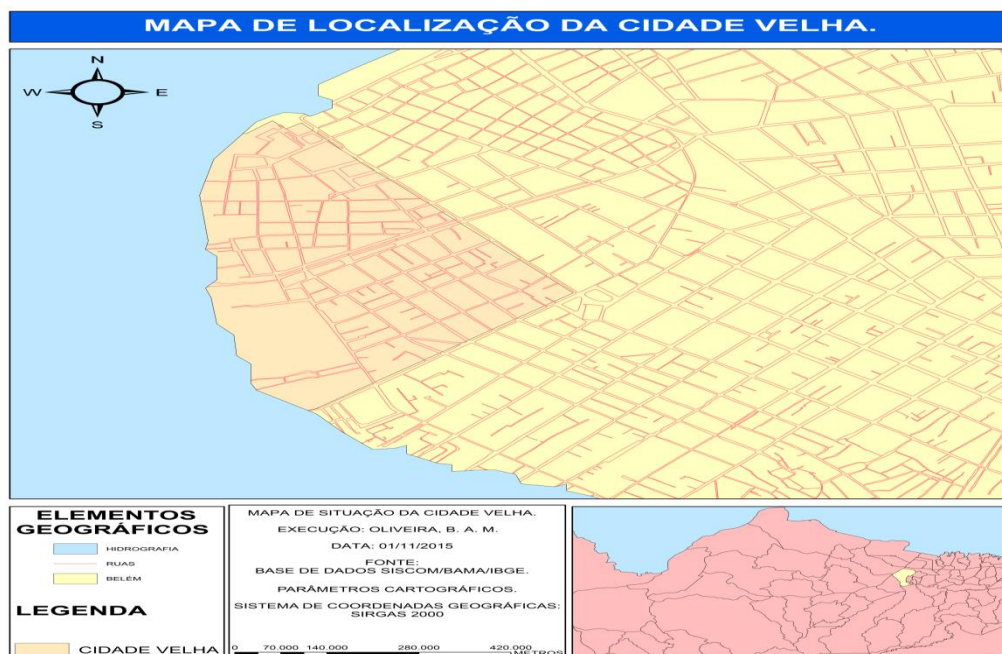
Estudar a Amazônia sob qualquer perspectiva é sempre um desafio, existem múltiplas dimensões a serem abordadas, todas igualmente ricas, e que merecem grande atenção por parte dos pesquisadores, em meio a essa gigantesca diversidade ecológica existe uma gama de processos sócio-espaciais que dão uma dinâmica peculiar à região.

O trabalho de Bueno (2008) afirma que a natureza é a principal forma de representação da Amazônia. Antes de avançarmos, é importante ressaltar que a ideia de natureza e cultura que embasa este trabalho é entendida conforme a proposta de Bastos (2013), no qual n contexto amazônico cultura e natureza são indissociáveis conforme podemos ver nas palavras da referida autora,

Adotar esse conceito significa reconhecer a criatividade como fonte inesgotável de recursos e nossa diversidade cultural equivalente a biodiversidade brasileira. Por isso impossível, no caso da Amazônia (...) separar cultura e natureza se ambas são intrínsecas ao cotidiano das pessoas nas diferentes paisagens desse território. (BASTOS, 2013, p. 14).

Com base no pressuposto acima a escolha da categoria paisagem é pertinente, pois, - em especial a abordagem cultural- ela nos possibilita um resgate da relação homem-natureza analisados de forma imbricada e em uma perspectiva de totalidade.

O centro histórico, em sua maior parte, e as intervenções realizadas pelo RUA, ficam circunscritos no bairro da Cidade Velha. Local este que em 1616 às margens da baía do Guajará, na cota topográfica mais elevada da área, por uma questão estratégica-militar, funda-se o Forte do Presépio, que posteriormente viria a se chamar Forte do Castelo, através de uma missão portuguesa com objetivo geopolítico de proteção da entrada do território pelos rios da Amazônia e que daria origem a cidade de Belém.



O mapa acima localiza o bairro da Cidade Velha possui uma herança da arquitetura portuguesa em diversas construções como fortes, igrejas, praças e residências que em 03 de Maio de 2011 são homologadas pelo conselho consultivo do patrimônio nacional com base no decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, a instituição do tombamento da área.

O projeto Rota Urbana pela Arte (RUA) foi implementado pela equipe composta por Drika Chagas, John Fletcher, Sue Costa e Emanuel de Oliveira Junior, em 2013, nesse projeto temos a produção de murais de *graffiti* retratando histórias do cotidiano e do imaginário acerca da Cidade Velha, construído em parceria com a comunidade, poder público - na figura do Estado através da secretaria de comunicação - e o projeto Biizu.

II. OBJETIVO.

O objetivo dessa pesquisa consiste em analisar a ressignificação dos *graffitis* realizados pelo projeto RUA em alguns quarteirões do Bairro histórico da Cidade Velha, ressaltando elementos tidos como representantes da identidade amazônica e dos moradores do bairro.

III. METODOLOGIA.

A metodologia desta pesquisa é baseada na análise da paisagem a partir da proposta cosgrovena¹ articulando o materialismo histórico dialético a dimensão subjetiva de cunho humanista, foi realizado também o levantamento bibliográfico sobre o tema, coleta de fotografias, trabalhos de campo na área e a análise de conteúdo dos *graffitis*. A análise dos dados será feita de maneira qualitativa a partir do contraste entre os as informações obtidas em campo com o referencial teórico adequado

IV. RESULTADOS PRELIMINARES NA ANALISE ENTRE PATRIMÔNIO, E PAISAGEM NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM-PA.

O patrimônio é carregado de representações desde a sua invenção como nos mostra Choay (2006), essas representações estão ligadas a processos culturais construídos no geral por uma elite a qual tende a tratar esse pensamento enquanto legítimo de representação da coletividade social, todavia existem resistências gerando um processo conflitivo no campo da representação coletiva. Esses conflitos serão entendidos a partir de diferentes racionalidades de acordo com o pensamento de Sousa Santos (2012), em seu trabalho sobre as epistemologias do sul, ele nos mostra que os modelos de pensamento derivam de acordo a posição ocupada pelo individuo na sociedade.

En primer lugar, una cosa que llama la atención del contexto sociopolítico de nuestro tiempo es que no es fácil definirlo, porque depende mucho de la posición que uno tenga dentro del sistema mundial: vivir en europa o en norteamérica no es lo mismo que vivir en la India o en Bangladesh, son realidades totalmente distintas, con diferentes perspectivas; además, también existen diferencias entre las posiciones políticas de los individuos, porque algunos pueden estar más cerca de las clases y grupos dominantes y otros, por el contrario, de los grupos y clases de los oprimidos. Y en el análisis de la situación, desde un punto de vista sociopolítico, la diferencia es total. (SOUSA SANTOS, 2012. p. 11).

Baseado em Choay (2006) podemos afirmar que a constituição do patrimônio, em um primeiro momento através da ideia de monumento, é um importante elemento aglutinador de representações. Ainda baseado na mesma autora, temos uma importante mudança da ideia de monumento para a de patrimônio, este último, representaria um

¹ COSGROVE, 1989 apud CORRÊA, 1995.



conjunto de bens patrimonializados fruto da expansão do culto ao patrimônio que acaba por se expandir pelo mundo. Essa expansão acompanhada de políticas institucionalizadas para salva-guardar esses bens gera o fenômeno denominado patrimonialização do patrimônio conforme o podemos ver em Cruz (2012).

Ainda, em relação a essa expansão e articulado a patrimonialização do patrimônio temos o recente trabalho de Costa (2015) sobre a patrimonialização global que expõe esse processo de expansão do culto ao patrimônio, a função desempenhada por instituições internacionais e nacionais e suas ações para proteção do patrimônio assim como a indústria que se desenvolve em meio ao fenômeno da patrimonialização global de inúmeras maneiras da qual destacamos o consumo das paisagens culturais encontrados no trabalho de Luchiari (2005), no qual, temos, o turismo como uma atividade de destaque nas patrimonialização global, todavia de maneira equivocada, pois acaba por contribuir de maneira significativa para problemas como a gentrificação, consumo cultural das paisagens, segregação sócio-espacial dentre outros problemas, como ressalta Luchiari (2005), Choay (2006), Cruz (2012) e Costa (2015). A atividade turística não pode ser “demonizada”, ela deve ser re-orientada para ir além dos ditames do capital, renda monopolista como sugere Costa (2015), caminhando para outro viés capaz de gerar renda e dinamizar a economia local e a proteção, assim como a sensibilização para a importância do patrimônio.

Para esse estudo recorreremos a categoria da paisagem cultural enquanto produto dialético da articulação entre as diferentes percepções e significados que a paisagem assume para os indivíduos articulado a uma lógica de produção capitalista, a síntese desses dois viés nos permite uma abordagem mais rica sobre o a produção da paisagem. Essa proposta adotada é baseada em Cosgrove que propõe a utilização do materialismo histórico dialético, levando em consideração os elementos subjetivos muito caros a Geografia humanista.

Essa abordagem é fundamental para a maior compreensão do fenômeno da patrimonialização global, segundo Costa (2015). A paisagem amazônica marcada por florestas, rios e cercada de mistérios os quais fazem parte do imaginário regional, também é caracterizada por elementos da dinâmica urbana capitalista; A cidade de

Belém não fica alheia a esses dois processos, pois além dos imaginários fantásticos regionais presentes, existem elementos atuais da dinâmica capitalista e da urbanização como podemos ver no centro histórico temos a presença de tendências atuais do processo de urbanização no que concerne a requalificação dos centros históricos apropriados principalmente pela atividade turística através do consumo cultural das paisagens e de novos usos.

Essa tendência de políticas de requalificação urbana dos centros históricos esta diretamente relacionada ao consumo desses espaços que vão para além do valor de uso e de troca, mas caminham na perspectiva de Baudrillard exposta no trabalho de Canclini (2009) onde o valor signo pode ser entendido como um conjunto de conotações simbólicas sobre o objeto de forma gerando a feiticização da paisagem.

V. UMA BREVE DISCUSSÃO PARA SE ENTENDER O *GRAFFITI*.

Há pelo menos duas diferentes hipóteses sobre o surgimento do *graffiti*, que não se anulam, ou se negam, pelo contrário, no nosso entendimento se complementam, assim como no pensamento de Oliveira e Tartaglia (2009).

Uma das teorias apontadas faz menção ao surgimento do *graffiti* estando envolto em um processo de manifestação artística bem mais amplo, o movimento cultural do *hip-hop*. A outra teoria nos leva a entender que o *graffiti* surge enquanto uma forma de comunicação entre os “*writings*²” e milhares de pessoas que se utilizavam dos metrô para se deslocarem, além de uma socialização de indignações nos quais as frases de protesto político estavam sempre em pauta, no entanto, não somente elas havia também os *TAGS*³.

Ambas as teorias entendem que o *graffiti* tem seu surgimento no final da década de 1960 e início da década de 1970. Surge em Nova Iorque, no bairro do *Bronx*, em uma onda de rabiscos sob as faixadas e paredes frias de prédios, muros e metrô, ecoando na cidade sem pedir licença.

² *Writings* era como os primeiros grafiteiros se denominavam.

³ Os *TAGS* seriam as assinaturas dos grafiteiros inicialmente realizadas nos muros e metros de Nova York e que hoje se difundiram pelo mundo.



Inicialmente de forma pejorativa essa intervenção foi denominada de graffiti pelo jornal americano *New York Times* fazendo referencia a uma forma de protesto utilizada pelas camadas menos favorecidas do império romano, que foram muito bem conservadas em Pompéia, como nos mostra o trabalho de Oliveira e Tartaglia (2009).

No entanto, mesmo o *graffiti* sendo parte de um importante momento político nos EUA, pois foi bastante utilizado pelo movimento “*Black Power*”, na luta por direitos civis, o mesmo ganhou espaço nas mídias, principalmente pelo sensacionalismo que foi gerado na época, enquanto uma grafia territorialista utilizada pelas gangues. Logo, houve uma intensa criminalização do *graffiti*.

No Brasil o seu surgimento data da década de 1970, em meio a ditadura militar, inspirados pela luta política por direitos civis dos grupos marginalizado dos EUA e no Maio de 1968 francês o *graffiti* foi utilizado enquanto um instrumento de luta política e assim como em New York foi alvo de críticas pela mídia o qual a denominou de pichação, que na década de 1980 será utilizada por gangues.

Em Belém existe uma lacuna com relação a origem do *graffiti* devido, pois não existem fontes documentais ou bibliográficas sobre a sua origem, logo a sua gênese esta retrata apenas na memória de poucas pessoas as quais são difíceis de se encontrar, todavia o que conseguimos coletar em entrevistas foi que o início do *graffiti* na grande Belém se dá no fim da década 1980 na cidade de Marituba, região metropolitana de Belém.

O *graffiti* em Belém surge enquanto um instrumento de potencial artístico ou como um instrumento de luta e reivindicação ligado tanto ao movimento *hip-hop* quanto ao movimento *punk* conforme informação obtida com Metal Graffiti em Março de 2012.

A história do *graffiti* em Belém ainda permanece um pouco obscura, pois não há trabalhos sobre o seu surgimento além de uma grande dificuldade em encontrar quem foram os primeiros grafiteiros para assim compor trabalhos mais completos sobre a gênese do *graffiti* em Belém.

VI. O PATRIMÔNIO E AS REPRESENTAÇÕES RETRATADAS PELO RUA.



O imaginário sobre a Amazônia sempre despertou muitas lendas e mitos que renderam inúmeras narrativas desde antes da chegada dos portugueses, com a chegada dos mesmos cria-se novas representações imaginárias sobre a região como nos mostrou Bueno (2008). Ainda em seu trabalhos vemos que o maior símbolo de representação da Amazônia é sua natureza, todavia todo processo de representação é cultural e esta ligada a subjetividade individual e a um interesse coletivo.

O trabalho referido acima é esclarecedor, pois, nos mostra que a natureza em meio a toda dinâmica peculiar da região amazônica se mantem como a principal e mais difundida forma de representação da mesma que estará presente em no nossa abordagem no conjunto patrimonializado da Cidade Velha, expresso através da invenção do imaginário local/regional retratando na paisagem elementos ligados a natureza e cultura amazônicas enquanto importante elemento identitário amazônico.

Sobre a utilização do patrimônio para formação de identidades nacionais ou hegemônicas, Choay (2006, p. 205) nos mostra que “Monumento e cidade histórica, patrimônio arquitetônico e urbano: estas noções e suas sucessivas figuras esclarecem de forma privilegiada o modo como as sociedades ocidentais assumiram sua relação com a temporalidade e construíram sua identidade”. Logo falar em patrimônio significa negociação de identidades, pois a identidade criada em torno do bem patrimonializado é fundamental para sua preservação criando assim uma representação cultural para um grupo através dessa negociação conflituosa.

Foi visando entender quais elementos eram representativos da identidade dos moradores do bairro da Cidade Velha que através de pesquisas realizadas por meio de conversas e entrevistas com moradores da área patrimonializada do bairro que a equipe de pesquisadores e grafiteiros elaboraram os temas para compor os painéis de *graffiti*.

Por meio dessa metodologia para construção dos painéis foi possível conhecer quais eram os elementos mais representativos para os moradores do local de maneira que isso reforçaria os laços de afeição dos moradores locais com o patrimônio, assim como de outras pessoas que moram outras áreas da cidade por intermédio dos elementos

representativos da identidade regional e de elementos locais os quais fizeram parte do cotidiano específico dos moradores do bairro.

O RUA é um projeto de intervenção que requalifica parte da área do centro histórico não em uma perspectiva mercadológica de consumo cultural, mas sim em uma abordagem que visa retratar histórias do cotidiano e do imaginário dos habitantes da Cidade Velha, que construído em parceria com os mesmos, ressignifica a paisagem, assim como também pode ressignificar a relação com o patrimônio.

Os *graffitis* retratam diferentes elementos representativos para os moradores e parte da região amazônica, a exemplo, temos um sobre a lenda da cobra grande a qual segundo o imaginário popular. Essa lenda presente na figura 1 é mais uma das inúmeras representações imaginárias criadas sobre a região amazônica e que estão relacionadas a formação de uma identidade amazônica a qual entendemos em um contexto dinâmico e intercultural.



Figura 1: *graffiti* da cobra grande. Foto: GUERREIRO, E.

Ainda analisando elementos de representatividade regional temos os *graffitis* (figura 3) com quatro estandartes representando as igrejas da Cidade Velha (Igreja da Sé, de Santo Alexandre, de São João Batista e do Carmo).



Figura 2: *Graffitis* representando as igrejas do bairro da Cidade Velha. **Foto:** GUERREIRO, E.

A localização dessas igrejas na Cidade Velha se deu em função da colonização portuguesa a qual visava não apenas missões para expansão e controle territorial na Amazônia, mas também expansão da fé cristã através de inúmeras ordens religiosas que vieram para região catequizar e também enriquecer.

Já a figura 3 representa as memórias dos moradores mais velhos do local, que se recordam da época em que era comum o hábito de sentar nas portas das casas para conversar, como nos mostra o trabalho de Miranda (2011).



Figura 3: *Graffitis* representando a práticas dos antigos moradores de se sentar na frente das casas. **Foto:** GUERREIRO, E.

Baseados nesse trabalho verificamos que além dessa outras práticas de sociabilidade do bairro com o tempo foram deixando de existir fruto de alguns fatores como a violência e a falta de segurança, falta de iluminação das ruas, a própria legislação do tombamento que acabou por salvaguardar os casarões e igrejas (patrimônio material), porém inviabiliza a reprodução de práticas cotidianas dos moradores como o exemplo das quadrilhas citado pela referida autora.

VII. CONSIDERAÇÕES.



Longe de se dar por encerrada as múltiplas relações existentes entre paisagem e patrimônio, e representação devemos ampliar essa temática, pois a medida que a paisagem se configura enquanto a materialização da ação do trabalho humano construído em uma perspectiva cultural, em um determinado momento histórico, ela carrega em suas formas as contradições da sociedade, assim como os choques culturais da interculturalidades presentes em sua formação, logo a paisagem urbana na análise patrimonial nos permite um olhar de totalidade sobre a cidade em suas dinâmicas de tempos distintos, incluindo ai os patrimônio materiais construídos em outrora que hoje são fragmentos no seio da paisagem de uma dinâmica anterior a atual.

O patrimônio enquanto um importante elemento na construção de identidades e sentidos pode ser em diferentes contextos ressignificado e dessa maneira compor um importante instrumento para sua preservação e a dinâmica da leitura da paisagem pode nos oferecer pistas para pensarmos novas formas de ressignificar o patrimônio cultural edificado para além de concepções mercadológicas (como a mencionada ação do Governo do Estado do Pará através do projeto de requalificação Feliz Lusitânia), em direção a novas formas de se relacionar e preservar o patrimônio como o projeto RUA que através de murais de *graffiti* da uma nova tônica a paisagem patrimonializada e se constitui como uma promissora ferramenta na preservação patrimonial, assim como também para a emergência dos elementos de uma identidade outra para além da Cidade Velha e das construções históricas portuguesas.

A problemática a cerca da relação entre as intervenções do projeto RUA no centro histórico de Belém ainda esta no inicio e precisa de maiores investigações no campo da sua relação com a paisagem e patrimônio na área patrimonializada da Cidade Velha.

Referências.

BUENO, M. F. Natureza como representação da Amazônia. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, nº 23, JAN./JUN. DE 2008, p. 77-86.



BASTOS, E. B. B. **A contribuição da cultura para o desenvolvimento do território:** um olhar de Ananindeua, na região metropolitana de Belém, Pará. Dissertação de mestrado -Núcleo de meio Ambiente- Universidade Federal do Pará. Belém: 2013. 93 p.

COSTA, E. B. **Cidades da patrimonialização global.** Simultaneidade e totalidade urbana – totalidade-mundo. São Paulo, humanitas, fapesp, 2015, 480 p.

CRUZ, R. C. A. Patrimonialização do patrimônio: Ensaio sobre a relação entre turismo, “patrimônio cultural” e produção do espaço. **Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 31, 2012, p. 95 - 104.

LUCHIARI, M. T. D. P. A re-invenção do patrimônio arquitetônico no consumo das cidades. **Geosp – Espaço e Tempo**, n. 17, 2005. p. 95-105

MIRANDA, C. S. Da Almedina à Feliz Lusitânia: personagens do patrimônio. Amazônica: Revista de Antropologia (Online), v. 3, 2011, p. 348-368.

OLIVEIRA, D. A; TARTAGLIA L, Ensaio sobre uma geo-grafia dos graffitis. Revista Geographia, Rio de Janeiro: UFF, Vol 11, nº 22, 2009. p. 59-88.

SOUSA SANTOS, B. Introducción: las epistemologías del Sur In: CIDOB (org.), Formas Otras. Saber, nombrar, narrar, hacer. Barcelona: CIDOB Ediciones, 2012, p. 9-22. http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/INTRODUCCION_BSS.pdf